

Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?



Jacob Jordaens, *The Four Evangelists*, 1625-1630.

Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Data publicação: 13/11/2018

PUBLICAÇÃO:

EVOC - Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245 - CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina - Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

	Paulo Neto
P355n	Os nomes dos títulos dos evangelhos designam os seus autores? / Paulo da Silva Neto Sobrinho; revisão de Hugo Alvarenga Novaes. - Londrina, (PR) : EVOC, 2018. 76 p.
	Capa: https://en.wikipedia.org/wiki/Four_Evangelists#/media/File:Four_Evangelists_Jordaens_Louvre_Inv1404.jpg
	1. Cristianismo. 2. Bíblia-crítica e interpretação. 3. Evangelho-estudo e ensino. I. Silva Neto Sobrinho, Paulo. II. Título.
	CDD133.9013 19.ed.

Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?

*“Conhecereis a verdade e a verdade
vos libertará.”*

(JESUS, em João 8,32)

Índice

Prefácio.....	6
Introdução.....	11
A origem de nosso interesse ao tema.....	13
Como e quando os Evangelhos foram escolhidos.....	19
Os textos dos Evangelhos são os dos originais?.....	30
Informações sobre os seus autores.....	37
1) Tradutores.....	38
2) Estudiosos e exegetas.....	46
Conclusão.....	59
Referências bibliográficas.....	73

Prefácio

Desde os primórdios tempos, a humanidade foi envolvida em “mistérios’ de todos os tipos. Notadamente, podemos observar através dos relatos históricos que uma parcela expressiva da sociedade daquela época era mais motivada pela curiosidade em desvendar o desconhecido, isto é, comparando-se à outra parcela daquela gente era movida pela apatia.

Por outro lado, destacando a grande maioria daquele povo, por exemplo, em virtude das dificuldades circunstanciais oriundas da escassez de esclarecimentos e da falta de acesso às demais informações, essas pessoas só viviam em função do atendimento às suas necessidades básicas e cruciais, no entanto, apenas uma minoria privilegiada daquele povo é que possuía algumas noções mais avançadas sobre outros fatos considerados mais relevantes para aqueles tempos. Sendo também que desse contingente de pessoas, muitos preferiram se acomodar - o que ainda ocorre atualmente entre nós -, ou seja, concordaram em aceitar as conclusões, ideias e premissas oferecidas por outros que foram além e partiram para o campo das investigações, obtendo suas conclusões e apresentando as suas próprias teorias e

“teorias”, estratégias de conveniências - jogo de interesses -, às vezes, até impostas à maioria submissa. Assim prevaleceu e, lamentavelmente, assim ainda prevalece em nossos dias!

Muitos, podendo fazer as suas próprias investigações ou pesquisas, simplesmente optam por permanecerem em suas zonas de conforto, ou a lei do menor esforço, e até como dizem alguns refrões popular: “comem nas mãos dos outros”, “deixando ficar, para verem como é que fica”. Esse é um viés da maioria da humanidade. É óbvio que não cabe aqui aqueles foram e ainda são oprimidos, os quais são obrigados a acatarem às imposições de seus líderes.

A cultura da lei do menor esforço tem sido uma realidade em quase todas as civilizações, mundo afora. Citamos como exemplos, pessoas que defendem uma ideia como se fosse sua, a qual retratasse a realidade, inclusive, sendo acometidas até de uma dose significativa de fanatismo, pelo simples fato de não ter sido comprovada a veracidade daquela referida ideia. Em outras palavras, poderíamos afirmar que uns nascem para serem líderes, outros para serem liderados. E por aí vai.

É susceptível, também, podermos constatar através da história que, desde a antiguidade, sobretudo,

em termos de religião, o Clero - ou os líderes religiosos -, com maior destaque à Igreja Católica Romana, sempre esteve envolvido em grandes segredos e dogmas religiosos, principalmente no que tange à verdade sobre a de Jesus, da Sua vida, da Sua trajetória, das Suas pregações, e de todo o Seu legado moral que Ele deixou à humanidade, por meio do Seu Evangelho, etc.

Como frisamos no primeiro parágrafo desse prefácio, ainda existem nos arquivos do Vaticano enorme quantidade de documentos, afora os que certamente foram destruídos, guardados à “sete chaves”, nos quais constam muitas verdades e inverdades em torno das narrativas contidas nos Evangelhos atribuídos aos discípulos de Jesus.

Paulo Neto nos presenteia com a obra, de sua autoria, denominada “Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?”, na qual - com muita competência e propriedade - ele faz uma abordagem completa e detalhada, exatamente nessa época de modernidade e globalização, através de suas incansáveis e sucessivas pesquisas investigativas, sobre esse assunto, tão palpitante e oportuno, quiçá atendendo às suas percepções intuitivas. Pois nada, e absolutamente nada acontece por acaso.

O autor, por meio de sua narrativa e de suas

considerações sobre o assunto, nos instiga a pensarmos que nem tudo que se dizem, que se afirmam, que se ouvem ou que se leem, poderá ser considerado como autêntico, ou não, isto é, caso tenhamos alguma dúvida sobre qual ou tal afirmativa, ou colocações sobre determinado contexto, e, por ventura, queiramos verificar a sua autenticidade, é um dever e um direito que nos fora outorgado pelo Criador através do nosso livre-arbítrio, para podermos investigar ou pesquisarmos sobre a veracidade daquela premissa ora ou já estabelecida.

Mesmo porque, dentro de um raciocínio lógico, somente poderemos ter acesso a uma determinada informação, a partir do momento em que já tenhamos conquistado a inteligência e o discernimento, necessários para obtermos uma perfeita compreensão daquilo que iremos investigar, ou que desejamos saber. Na minha opinião, essa é uma condição "*sine qua non*", para o ser humano que deseja desvendar algum fato, no tempo certo.

Feito essas sucintas considerações, convido você, leitor, para se deliciar, podendo ler e compreender cada palavra, cada frase e cada capítulo dessa obra, recheada de informações ricamente elucidativas e apropriadas àqueles que têm sede de esclarecimentos acerca dos discípulos de Jesus, aos quais foram atribuídos a autoria

dos quatro evangelhos, escolhidos pelos líderes religiosos, com maior ênfase ao Clero ou à Igreja Católica Romana.

Boa leitura!

Mílton Anacleto de Campos

Outubro de 2018.

Introdução

“[...] quem quer esclarecer-se não deve colher ensinamentos de uma só fonte, porque só pelo exame e pela comparação se pode firmar um juízo.” (ALLAN KARDEC)

Sempre estamos às voltas com pessoas crédulas em demasia, que ingenuamente pensam que os nomes que constam dos títulos dos Evangelhos – Mateus, Marcos Lucas e João –, de fato, designam os seus autores.

Nenhuma dúvida elas têm quanto a isso, por conseguinte, dão como certo que três deles, Mateus, Marcos e João, faziam parte daquele grupo de doze discípulos que conviveram com o Mestre de Nazaré, portanto, foram “testemunhas oculares” de todos eventos narrados nos Evangelhos.

Além desse grupo, há um outro entre palestrantes e estudiosos espíritas que se referindo a algum destes três nomes, o trata como se fosse, de fato, discípulo de Jesus.

Percebemos que, embora imbuídos de muita boa vontade, falta a esses dois grupos o conhecimento do que, na atualidade, a crítica bíblica pensa sobre os reais

autores dos Evangelhos.

Queremos, logo de início, deixar bem claro que não temos a pretensão de ser melhor do que ninguém e, muito menos, por conta disso, condenar a quem quer que seja.

A nossa intenção, fazemos questão de ressaltar, é a de, simplesmente, repassar o que descobrimos em nossa pesquisa, para que cada um a aproveite da forma que lhe aprouver.

Abrimos essa Introdução com uma frase, fechamos com outra: “Sem crítica não há correção de erros, não há renovação de conceitos nem abertura de perspectiva para a evolução.” (HERCULANO PIRES) ⁽¹⁾

1 RIZZINI, *O apóstolo de Kardec*, p. 254.

A origem de nosso interesse ao tema

O que nos fez aflorar uma irresistível curiosidade de pesquisar esse assunto, ou seja, se os nomes nos títulos dos Evangelhos realmente correspondem aos seus verdadeiros autores, foi o teor do seguinte passo, constante do Novo Testamento:

Atos 4,13: *“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens **iletrados e incultos**, admiraram-se; [...].”*

Como João, o irmão de Tiago (o Maior), sendo um homem “iletrado e inculto”, poderia escrever um Evangelho tão rebuscado como o atribuído a ele e, ainda por cima, escrito na língua grega?

Ora, esse fato nos remete à seguinte consideração de Bart D. Ehrman, ex-evangélico, considerado a maior autoridade em Bíblia do mundo, Ph.D. em Teologia pela Princeton University, especialista em Novo Testamento, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e na vida de Jesus, em ***Como Jesus se tornou Deus***:

O cristianismo surgiu no império romano logo

após a morte de Jesus, por volta do ano 30 d.C. A cultura grega impregnava por completo a metade do leste do império – tanto que **a língua comum do império no leste, a língua em que todo o Novo Testamento de fato foi escrito, era o grego. Assim, para entender os pontos de vistas dos primeiros cristãos, precisamos situá-los em seu contexto histórico e cultural, o que significa os mundos grego e romano.** [...]. ⁽²⁾ (grifo nosso)

Fora isso, também se percebe em João, um dos filhos de Zebedeu, um palavreado bem acima do que se poderia esperar para um simples pescador (Mateus 4,18-22), sem a intenção de desmerecê-lo; mas isso é um fato histórico.

Observe, caro leitor, que também Pedro era “iletrado e inculto”, portanto, essa mesma linha de raciocínio, deve ser aplicada a ele, já que, no Novo Testamento, existem duas cartas, cuja autoria é atribuída a ele.

Quanto a João, “filho do trovão”, além do Evangelho que leva o seu nome, existem duas cartas e o Apocalipse que são imputadas a ele.

Foi em Pepe Rodríguez, destacado jornalista de

2 ERHMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 30.

investigação, autor do livro ***Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada***, que percebemos que não estamos sozinhos nessa forma de pensar:

Com efeito, mesmo sendo-se profano na matéria, imagina-se dificilmente **como é que um pescador de carácter violento** ⁽³⁾ **e, ainda por cima, inculto como era o apóstolo João possa ter escrito textos tão brilhantes e intelectuais como os joânicos**, por muita *inspiração divina* que se lhe queira acrescentar. É evidente que os peritos não se ficaram pelas simples suspeitas. [...]. ⁽⁴⁾ (grifo nosso)

Aliás, sempre estamos dizendo que só acreditam que ele, João Evangelista, foi o autor do quarto Evangelho, as pessoas que não buscam nenhuma informação fora daquilo que a sua Igreja lhe recomenda ou, quiçá, determina. São, como se diz: “ouvintes de um só sino”; e, por isso, não têm a mínima condição de saber se o sino que ouvem está afinado ou não.

Em ***Quem escreveu a Bíblia? Por que os***

-
- 3 Nota da transcrição: Recordemos que Jesus lhes chamava, a ele a seu irmão Tiago, de *Boanerges*, ou seja, os “tempestuosos”, ou “filhos do trovão” (Mc 3,17).
- 4 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 76.

autores da Bíblia não são quem pensamos que são, no tópico “Simão Pedro, a antiga palestina e a alfabetização”, do capítulo 2 - Falsificações em nome de Pedro, Ehrman dá estes importantes esclarecimentos, que não podemos deixar de levar em conta:

O estudo mais completo, mais extensamente pesquisado e mais amplamente influente sobre a alfabetização na Palestina na época do Império Romano é o de Catherine Hezser ⁽⁵⁾. Após estudar todas as evidências, **Hezser conclui que, na Palestina romana, a melhor estimativa é que algo em torno de 3% da população fosse capaz de ler, e que a maioria desses viveria em cidades e vilas maiores.** A maior parte das pessoas fora das áreas urbanas dificilmente teria visto, algum dia, um texto escrito. **Algumas cidades menores e aldeias poderiam ter um índice de alfabetização em torno de 1%. Ademais, essas pessoas alfabetizadas eram quase sempre a elite das classes superiores. Aqueles que aprendiam a ler liam hebraico, não grego.**

E ainda por cima, de novo, muito mais pessoas podiam ler em vez de escrever. As pessoas que sabiam escrever eram principalmente homens do sacerdócio. Durante

5 N.T.: Catherine Nezszer, *Literacy in Roman Palestine* (Tubingen: Mohr Siebeck, 2001).

todo o século I d.C. (a época de Jesus e Simão Pedro), temos certeza de apenas dois autores na Palestina que produziram obras literárias (isto é, composições cultas que não documentos fiscais, transferências de terras ou certidões de casamento etc.): o historiador judeu Josefo e um homem chamado Justo de Tiberíades. Ainda temos os escritos de Josefo, mas os de Justo não sobreviveram. Os dois homens eram dos escalões superiores da sociedade, e ambos atipicamente bem-educados. Não temos conhecimento de qualquer outro autor literário ao longo de todo o século. Seria Pedro da mesma classe de Josefo e Justo? Não, nem de longe.

E quanto à educação em grego na terra em que Pedro nasceu e foi criado? Algumas vezes se imagina que, como a Galileia, a região norte do que hoje chamamos de Israel foi eventualmente chamada de “Galileia dos gentios”, ela era repleta de gentios na época de Jesus e Pedro. E, segundo um tipo comum de lógica, se havia muitos gentios na Galileia, deviam falar grego; em nome da convivência, todos tinham de falar grego. Mas isso também não é verdade.

[...].

Resumindo, a cidade de Pedro era uma aldeia judaica atrasada, composta de trabalhadores miseráveis que não tinham educação. Todos falavam aramaico. Nada sugere que alguém soubesse falar grego. Nada sugere que alguém na cidade soubesse

escrever. Como pescador de classe baixa, Pedro teria começado a trabalhar quando criança e sem nunca frequentar uma escola. De fato, é provável que não houvesse escola ali; se houvesse uma, ele provavelmente não a frequentava; e, se frequentasse, teria sido para receber uma educação rudimentar para ler hebraico. Mas isso provavelmente não aconteceu. Pedro era um camponês analfabeto.

Na verdade, isso não deveria ser surpresa. Há no Novo Testamento evidências do nível de educação de Pedro. **Segundo Atos 4,13, Pedro e seu companheiro João, também pescador, eram *agrammatoi*, uma palavra grega que significa literalmente “iletrados”, ou seja, “analfabetos”.⁽⁶⁾** (grifo nosso)

Essa informação sobre o nível de alfabetização dos que habitavam a Palestina na época de Jesus é importante, uma vez que, em razão disso, se pode muito bem concluir que assiste razão aos que questionam as autorias dos livros bíblicos buscando descobrir quem foram, de fato, os seus verdadeiros autores.

Também corrobora o que havíamos pensado, tomando por base Atos 4,13, a respeito de João e Pedro serem analfabetos.

6 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*, p. 78-81.

Como e quando os Evangelhos foram escolhidos

As informações que encontramos, no decorrer de nossa pesquisa, não há como não as repassar, por serem muito curiosas e, jamais julgávamos que o critério de escolha dos quatro Evangelhos tivesse ocorrido de forma tão inusitada.

O nosso problema é que, distanciados que estamos das origens dos fatos, a maioria de nós, não faz a menor ideia de como isso ocorreu.

Aliás, muitos até pensam que o Novo Testamento, no qual estão contidos os Evangelhos, sempre teve, desde o “nascidouro”, o mesmo formato como o conhecemos hoje. Julgam-no nessa configuração a partir de quase imediatamente após a morte de Jesus.

Ehrman, em ***Como Jesus se tornou Deus***, esclarece-nos que:

Os estudiosos geralmente datam os Evangelhos do Novo Testamento da última parte do século 1. A maioria concorda que Jesus morreu por volta do ano 30 d.C. **Marcos** foi o primeiro Evangelho escrito provavelmente por

volta de **65-70 d.C.**; **Mateus e Lucas** foram escritos cerca de quinze a vinte anos depois, aproximadamente em **80-85 d.C.**; e **João** foi escrito por último, por volta de **90-95 d.C.** O que importa aqui é o hiato envolvido. O primeiro relato sobrevivente da vida de Jesus foi escrito trinta e cinco a quarenta anos depois da morte dele. O último Evangelho canônico foi escrito a sessenta a sessenta e cinco anos depois de sua morte. Obviamente é um bocado de tempo. (7)

De ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã***, Julio Trebolle Barrera, tomamos as datas em que foram escritos os Evangelhos: Marcos (anos 65-70), Mateus (anos 70/80), Lucas (anos 70/80) e João (anos 90) (8) Percebe-se, portanto, uma pequena divergência entre as datas mencionadas por Ehrman e Barrera, mas não se trata de algo significativo para nosso estudo.

Com esses dados, vejamos algo bem interessante, não podemos deixar de mencioná-lo, que Ehrman, em ***Quem escreveu a Bíblia?***, fornece:

Os autores dos evangelhos, cada um a seu modo, parecem retratar a história de Jesus como uma continuação da história do povo de Deus, Israel. Ele é a realização de tudo que foi

7 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 124-125.

8 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, p. 287.

antecipado pelos autores e profetas do Antigo Testamento. Faz sentido que esses autores dos evangelhos permaneçam anônimos, pois **os escritores da história bíblia eram quase sempre anônimos.**

O anonimato dos escritores dos evangelhos foi respeitado durante décadas. **Quando os evangelhos do Novo Testamento eram referidos ou citados por autores do começo do século II, nunca eram intitulados, nunca nomeados.** Mesmo **Justino Mártir, escrevendo por volta de 150-160 d.C., cita versículos dos evangelhos, mas não indica que eles tinham nomes.** Para Justino, esses livros **eram conhecidos coletivamente como as “Memórias dos apóstolos”.** Cerca de um século após os evangelhos começarem a circular, **eles foram definitivamente chamados de Mateus, Marcos, Lucas e João.** Isso acontece pela primeira vez **nos escritos do pai da Igreja e futuro heresiólogo Irineu, por volta de 180-185 d.C.** ⁽⁹⁾ (grifo nosso)

Como se vê, os Evangelhos os nomes Mateus, Marcos, Lucas e João só passaram a fazer parte dos títulos por volta de 180-185 d.C., provando que, na sua origem, não constavam dos títulos, uma vez que eram simplesmente “conhecidos coletivamente como as ‘Memórias dos apóstolos’”.

9 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia?*, p. 222-223.

Tomaremos de Ehrman que nos explica o seguinte:

[...] O outro tipo de escrito pseudônimo envolve um livro que circula sob o nome outra pessoa, normalmente uma figura com alguma autoridade que, imagina-se, é bem conhecida pelo público leitor. Para esse tipo especial de escrita pseudônima, **usarei o termo técnico “pseudoepigráfico” (literalmente, escrito sob nome falso)**. Portanto, um escrito pseudoepigráfico é aquele que alegadamente escrito por uma pessoa famosa, bem conhecida ou de autoridade, mas que, na verdade, não o escreveu.

[...].

O outro tipo de pseudoepigrafia envolve uma espécie de fraude intencional por parte do autor. É quando **um autor escreve uma obra alegando ser outra pessoa. É o que chamo de falsificação**. Minha definição de *falsificação*, portanto, é um texto que alega ser escrito por alguém (uma pessoa conhecida) que, na verdade, não o escreveu. ⁽¹⁰⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Assim, fica esclarecido que os nomes dos títulos dos Evangelhos são nomes falsos, por serem pseudoepigráficos, o que usando as palavras de Ehrman, são falsificações.

10 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia*, p. 31.

Agora, vejamos como ocorreu a escolha dos quatro Evangelhos, segundo o que nos contam alguns pesquisadores e estudiosos.

O escritor Tom Harpur (1929-2017), em ***Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos***, apresenta-nos algo bem curioso:

Por que a Igreja escolheu quatro Evangelhos, e não três ou seis ou oito? Irineu, bispo de Lyon por volta de 190 d.C., disse que os Evangelhos tinham de ser quatro porque há quatro ventos e quatro direções. Geralmente, os estudiosos sorriem com indulgência diante dessa explicação, mas há um motivo sólido, embora esotérico, por trás da escolha. **Para os antigos, o número quatro era fundamental em toda a estrutura da vida e do Universo.** O quadrado, com seus quatro lados, era a base de qualquer outra elaboração em todos os edifícios, inclusive as Pirâmides. Havia quatro estágios principais da evolução: mineral, vegetal, animal e humano. Além disso, havia os quatro elementos básicos: água, terra, ar e fogo. [...]. ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

Pepe Rodríguez, em ***Mentiras fundamentais da***

11 HARPUR, *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos*, p. 27-28.

Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada, nos dá a seguinte informação:

A seleção dos evangelhos canônicos foi feita no concílio de Niceia (325) e ratificado no de Laodiceia (363). **O *modus operandi*, ou o processo utilizado, para distinguir entre textos verdadeiros e falsos, foi, segundo a tradição, o da “eleição milagrosa”**. Foram apresentados, de facto, quatro versões para justificar a preferência pelos quatro livros canônicos: 1) depois de os bispos terem rezado muito, os quatro textos voaram por si sós e foram pousar-se sobre um altar; 2) puseram todos os evangelhos em competição sobre um altar e os apócrifos caíram ao chão, enquanto os canônicos não se mexeram; 3) depois de escolhidos, os quatro foram colocados sobre o altar e foi pedido a Deus que se neles houvesse qualquer palavra falsa os fizesse cair ao chão, o que não sucedeu com nenhum deles; 4) o Espírito Santo, na forma de uma pomba, penetrou no recinto de Niceia e pousando no ombro de cada bispo sussurrou a cada um deles quais eram os evangelhos autênticos e quais os apócrifos. Esta última versão revelaria, além do mais, que uma boa parte dos bispos presentes no concílio eram surdos ou muito incrédulos, visto ter havido grande oposição à selecção – por voto maioritário, que não unânime – dos

quatro textos canónicos actuais. ⁽¹²⁾ (grifo nosso)

Em sua obra ***Jesus esse grande desconhecido***, Juan Arias, escritor e jornalista, cursou teologia, filosofia, psicologia, línguas semíticas e filosofia comparada na Universidade de Roma, tendo sido, durante quatorze anos, correspondente na Itália e no Vaticano para o jornal espanhol *El País* confirma essa informação de Rodríguez, falando a mesma coisa:

A história de como os quatro evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas e João foram escolhidos pela Igreja como autênticos e inspirados dentre os mais de cem que então existiam é muito interessante. **Um dos critérios da escolha foi o dos milagres.** Segundo a Igreja, alguns dos prodígios dos evangelhos apócrifos eram pouco sérios ou muito fantasiosos. Mas houve outros motivos para decidir que somente os quatro evangelhos escolhidos tinham sido inspirados pelo Espírito Santo e os outros não.

Os quatro foram escolhidos entre cerca de sessenta. Santo Irineu, no ano 205, assim o explicou: “O Evangelho é o pilar da Igreja. A Igreja está espalhada pelo mundo inteiro e o

12 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 68.

mundo tem quatro regiões. Convém, portanto que existam quatro evangelhos”. E também: “O Evangelho é o sopro do vento divino da vida para os homens, e, assim como **existem quatro pontos cardeais**, também devem existir quatro evangelhos”. Além disso, “o Verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, e **os querubins têm quatro formas**, por isso o Verbo obsequiou-nos com quatro evangelhos”. Curiosamente, os quatro escolhidos só foram aceitos pelos Padres da Igreja pouco antes de serem declarados inspirados.

A decisão oficial foi tomada no Concílio de Niceia do ano 325, graças a um milagre, como se conta na obra intitulada *Libelus syndicus*. **O milagre foi que, dentre todos os evangelhos que existiam, os quatro que conhecemos hoje como inspirados foram voando sozinhos até o altar.**

Outra versão diz que colocaram todos os evangelhos existentes sobre o altar e os apócrifos foram caindo no chão, só permanecendo os quatro escolhidos como autênticos. **Uma terceira versão conta** que o Espírito Santo entrou no Concílio de Niceia sob a forma de pomba através de uma janela, sem quebrar o vidro. Lá estavam reunidos todos os bispos. A pomba pousou no ombro de cada bispo, dizendo-lhe ao ouvido em voz baixa quais eram os quatro evangelhos inspirados. E eram os de Marcos, Mateus, Lucas e João. ⁽¹³⁾ (grifo

13 ARIAS, *Jesus esse grande desconhecido*, p. 34-35.

nosso)

Tudo isso pode, ainda, ser corroborado em Maria Helena de Oliveira Tricca (1940-1997), na obra ***Apócrifos: Os proscritos da Bíblia***, que cita como sua fonte Fabricius, J. A. - *Codex Apocryphus Novi Testamenti* (Hamburgo, 1719). ⁽¹⁴⁾

São três fontes distintas apontando para uma escolha “milagrosa”; porém, seja lá qual tenha sido esse processo, não nos resta dúvida de que os teólogos que os escolheram não se pautaram em nenhum critério técnico, mas, literalmente, apelaram para a sorte. Mesmo assim, as igrejas cristãs tradicionais querem fazer-nos acreditar que foram inspirados.

E ainda temos a informação, muito oportuna, de Muhammad Àta Ur-Rahim, em ***Jesus, um Profeta do Islão***, de que:

[...] a escolha de quatro Evangelhos oficiais, de entre **os cerca de trezentos existentes** nessa altura na Igreja; **foi também ordenado que os restantes Evangelhos, incluindo o de Barnabé, fossem completamente destruídos**, assim como os Evangelhos escritos em Hebraico; foi ainda publicado um édito,

14 TRICCA, *Apócrifos: Os proscritos da Bíblia*, p. 13.

declarando que quem fosse encontrado na posse de um Evangelho não autorizado seria condenado à morte. [...]. ⁽¹⁵⁾ (grifo nosso)

Não há dúvida alguma de que foi, literalmente, queima de arquivo.

E, quanto ao Novo Testamento em si, vejamos em ***O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê***, o testemunho do ex-evangélico Ehrman:

[...] Hoje, muitos cristãos podem achar que o cânon do Novo Testamento simplesmente surgiu um dia, logo, após a morte de Jesus... nada mais distante da verdade. Tendo isso claro, podemos identificar a primeira vez em que um cristão listou os vinte e sete livros do nosso Novo Testamento – nem mais, nem menos. Por mais surpreendente que possa parecer, esse cristão escrevia na segunda metade do século IV, mais ou menos trezentos anos depois que os livros do Novo Testamento tinham sido escritos. O autor foi um poderoso bispo de Alexandria chamado Atanásio. No ano 367 E.C., Atanásio escreveu uma carta pastoral anual às igrejas egípcias sob sua jurisdição e, nela, incluiu um conselho acerca de quais livros

15 UR-RAHIM, *Jesus, um profeta do Islão*, p. 49-50.

deveriam ser lidos como escrituras nas igrejas. Ele relaciona nossos vinte e sete livros, com exclusão de todos os demais. Essa é a primeira instância que chegou ao nosso conhecimento de alguém declarando que esse nosso conjunto de livros era o Novo Testamento. ⁽¹⁶⁾ (grifo nosso)

Então, concluímos que mesmo depois da escolha dos quatro evangelhos, levou-se algum tempo para que o cânon do Novo Testamento fosse definido no formato que o conhecemos hoje.

16 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 46.

Os textos dos Evangelhos são os dos originais?

Iniciaremos apresentando três fontes que nos oferecem referências sobre língua em que os Evangelhos foram escritos:

1ª) Bart D. Ehrman, em ***Jesus existiu ou não?***;

[...] A língua nativa de Jesus, de seus discípulos e da maioria do povo na Palestina era o aramaico. **Os Evangelhos, porém, não foram escritos em aramaico, mas em grego.** E grego de bom nível, altamente proficientes. **Os autores dos Evangelhos eram falantes e escritores em grego, excepcionalmente cultos.** Deviam ser de classes relativamente altas, quase certamente de áreas urbanas fora da Palestina. [...]. ⁽¹⁷⁾ (grifo nosso)

2ª) Geza Vermes, em ***O autêntico Evangelho de Jesus:***

Como toda as fontes antigas, eles devem ser submetidos a uma análise crítica se quisermos captar a realidade e o significado autêntico dos eventos e ensinamentos neles contidos. Idealmente, essa análise deveria ser aplicada à

17 EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 55.

língua original dos ensinamentos de Jesus, que falava aramaico. O aramaico era língua semítica empregada pela maioria dos seus compatriotas, e tem um parentesco íntimo com o hebraico, a língua da Bíblia Judaica (o Velho Testamento). Entretanto, **os nossos quatro Evangelhos sobreviveram em grego, e os estudiosos são unânimes em afirmar que foram compostos diretamente em grego; eles não são traduções de um original semítico.** [...]. ⁽¹⁸⁾ (grifo nosso)

3ª) Frederico Lourenço, em ***Bíblia, Novo Testamento: os quatro Evangelhos***:

Em grego foram originalmente escritos todos os 27 livros que integram o Novo Testamento, assim como sete do Antigo Testamento que encontramos nas Bíblias organizadas segundo o cânone católico: Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico (Ben Sira), Baruc, 1º Livro dos Macabeus 2º Livro dos Macabeus. Os restantes 39 livros do Antigo Testamento do cânone católico foram escritos originalmente em **hebraico** (com algumas frases desgarradas em **aramaico** nos livros do Gênesis de Jeremias e de Esdras, assim como uma seção mais relevante nesta língua no livro de Daniel). ⁽¹⁹⁾ (grifo nosso, exceto as línguas

18 VERMES, *O autêntico Evangelho de Jesus*, p. 11-12.

19 LOURENÇO, *Bíblia, Novo Testamento: os quatro Evangelhos*, p. 15.

que é do original)

Em algumas transcrições, logo à frente, também encontraremos a informação sobre os Evangelhos terem sido escritos em língua grega o que corrobora o dito acima por Ehrman, Vermes e Lourenço. E quando lá se referir a manuscritos, não se deve esquecer que eles foram escritos em grego.

Dito isso, vamos ao ponto mais importante a ser esclarecido, que é a proposta deste tópico, ou seja, saber se os Evangelhos, que atualmente manuseamos, são, verdadeiramente, oriundos dos textos originais.

Por que motivo é preciso definir isso? Porque, se não em todas, certamente, na grande maioria das traduções isso é dito. Nas pregações dos líderes religiosos das correntes cristãs tradicionais, tal referência é afirmada e reafirmada milhares de vezes, sem o menor constrangimento.

Juan Arias, sem meias palavras, em ***Jesus esse grande desconhecido***, diz: “Em primeiro lugar, as versões originais não existem.” (20)

O professor Julio Treballe Barrera, doutor em teologia, licenciado em Filosofia Pura e Ciências Bíblicas,

20 ARIAS, *Jesus esse grande desconhecido*, p. 38.

informa-nos, em ***A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia***, que “Os autógrafos dos livros do NT perderam-se para sempre”. (21)

Bart D. Ehrman, em seu livro ***O que Jesus disse? O que Jesus não disse?***, afirma o seguinte:

[...] Eu sempre voltava a meu questionamento básico: de que nos vale dizer que a Bíblia é a palavra infalível de Deus se, de fato, não temos as palavras que Deus inspirou de modo infalível, mas apenas as palavras copiadas pelos copistas – algumas vezes corretamente, mas outras (muitas outras!) incorretamente? De que vale dizer que os autógrafos (isto é, os originais) foram inspirados? Nós não *temos* os originais! **O que temos são cópias eivadas de erros, e a vasta maioria delas são centúrias retiradas dos originais e diferentes deles**, evidentemente, em milhares de modos. (22) (grifo nosso)

[...] **Uma coisa é dizer que os originais foram inspirados, mas a verdade é que não temos os originais. Então, dizer que eles foram inspirados não me serve de grande coisa, a não ser que eu possa reconstruir os**

21 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, p. 398.

22 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 17.

originais. E além disso, a vasta maioria dos cristãos, em toda a história da Igreja, não teve acesso aos originais, fazendo de sua inspiração um objeto de controvérsia. **Nós não apenas não temos os originais, como não temos as primeiras cópias dos originais.** Não temos nem mesmo as cópias das cópias dos originais, ou as cópias das cópias das cópias dos originais. **O que temos são cópias feitas mais tarde, muito mais tarde. Na maioria das vezes, trata-se de cópias feitas séculos depois. E todas elas diferem umas das outras em milhares de passagens.** ⁽²³⁾ (grifo nosso)

Na ***Bíblia de Jerusalém***, quando da Introdução relativa aos Evangelhos sinópticos – Mateus, Marcos e Lucas –, os tradutores tecem várias considerações; dentre elas, destacamos:

[...] **Conhecemos atualmente mais de 2000 manuscritos gregos** escritos em pergaminho que nos dão o texto dos evangelhos sinóticos, escalonando-se entre o quarto e o décimo séculos. Todos esses manuscritos oferecem entre si variantes de minúcias. **Os textos que usamos atualmente, seja para estudar os Sinóticos, seja para traduzi-los nas línguas modernas, são os dois mais antigos desses**

23 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 20.

manuscritos: o Sináítico, proveniente do mosteiro de Santa Catarina do Sinai, hoje conservado do Museu Britânico, e sobretudo **o Vaticano**, conservado na Biblioteca Vaticana. **Ambos são datados de meados do séc. IV.** [...]. ⁽²⁴⁾ (grifo nosso)

Vê-se, portanto, que embora dizendo que as traduções são fiéis aos originais, esses originais, nos quais se baseiam, não são, verdadeiramente, originais, pois nenhum dos seus autores, sejam eles quem forem, viveu até o **século IV**, como informado, para contar a história que consta dos Evangelhos.

Sobre a quantidade de manuscritos, julgamos por bem colocar esta informação de Barrera no seu livro ***A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia***:

O NT teve uma influência sobre a cultura do Ocidente muito superior a qualquer outro livro da Antiguidade. Seu texto, por isso, nos chegou com uma quantidade de cópias incomparavelmente maior do que nenhuma outra obra do mundo clássico. **Conhecem-se cerca de 5.000 manuscritos gregos do NT, aos quais é preciso acrescentar uns 10.000 manuscritos das distintas versões antigas,**

24 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1691.

assim como milhares de citações nos Padres da Igreja. **Todo esse material (manuscritos, versões e citações) contém um número de variantes calculado entre 150.000 a 250.000 ou até maior.** Não existe uma só frase do NT que a tradição manuscrita não tenha transmitido com alguma variante. ⁽²⁵⁾ (grifo nosso)

Como trabalhar num emaranhado desse? Além disso, sabe-se que os Evangelhos não deixaram de sofrer acréscimos, conforme, mais à frente, nos conta Barrera:

[...] Também é certo que a ortodoxia da Grande **Igreja tendia a eliminar ou a modificar aquelas expressões que por alguma razão resultavam inaceitáveis, e a introduzir**, ao invés, no texto, **novos elementos** com o fim de apoiar uma determinada doutrina, prática litúrgica ou costume moral. ⁽²⁶⁾ (grifo nosso)

Bom, a pergunta que se deve fazer é: será que os textos atuais refletem mesmo os que foram escritos pelos seus autores?

25 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, p. 396.

26 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, p. 488.

Informações sobre os seus autores

Dividiremos esse tópico em dois; no primeiro trataremos o que alguns tradutores disseram e no outro o que estudiosos e exegetas pensam a respeito disso ou de alguma coisa relacionada ao conteúdo dos Evangelhos.

Mas antes de iniciarmos os tópicos, vamos nos situar melhor trazendo Ehrman, um dos exegetas que será mencionado, que, em *Como Jesus se tornou Deus*, nos esclarece:

Para começar, há uma possibilidade de que os Evangelhos não tenham sido escritos por testemunhas oculares. Chamamos estes livros de Mateus, Marcos, Lucas e João porque receberam o nome de dois discípulos diretos de Jesus – Mateus, o cobrador de impostos, e João, o discípulo amado – e de dois companheiros próximos de outros apóstolos – Marcos, o secretário de Pedro, e Lucas, o companheiro de viagem de Paulo. No entanto, **os livros de fato foram escritos anonimamente – os autores jamais se identificaram – e circularam por décadas antes que alguém afirmasse que foram escritos por essas pessoas.** A primeira atribuição confirmada desses livros a esses autores é de um século após terem sido

produzidos.

Existem bons motivos para se pensar que nenhuma dessas atribuições esteja correta. Primeiro, **os seguidores de Jesus, como sabemos pelo Novo Testamento em si, eram judeus incultos da classe baixa da Palestina, de língua aramaica. Esses livros não foram escritos por gente desse tipo. Seus autores eram muitíssimo cultos, cristãos de idioma grego de uma geração posterior.** Provavelmente escreveram após todos, ou quase todos, os discípulos de Jesus terem morrido. Escreveram em partes diferentes de mundo, em uma língua diferente e em um período mais tardio. Não há mistério sobre por que os cristãos quiseram afirmar que os autores de fato eram companheiros de Jesus, ou pelo menos ligados aos apóstolos: essa afirmação proporcionava aos relatos uma autoridade muito necessária para quem queria saber como Jesus realmente havia sido. ⁽²⁷⁾ (grifo nosso)

Agora que temos essa indispensável informação, podemos avançar detalhando os dois tópicos.

1) Tradutores

Vejamos, primeiramente, o que se pode encontrar

27 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 123-124.

entre as opiniões dos tradutores, obviamente, daqueles que nos fornecem elementos para sairmos da influência dogmática, quanto às suas origens, ainda que alguns tentem justificar o que lhes veio por tradição.

Sobre isso, é melhor vermos o que, em ***Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada***, diz Pepe Rodríguez:

Quase a metade (mais exatamente, 44 por cento) dos textos do Novo Testamento pertencem aos quatro Evangelhos canônicos – Mateus, Marcos, Lucas e João. Basicamente, o que contam é a história de Jesus, a sua biografia, os seus actos e as suas palavras. **As contradições existentes entre eles, inclusivamente em aspectos fundamentais da vida de Jesus e do seu ensinamento, chegaram a ser tão profundas e evidentes que os seus tradutores católicos não tem outra saída senão a de culpar a “tradição oral” pelas “diferenças que a cada passo se verificam**, não só ao nível do plano geral e do agrupamento das ocorrências e dos discursos, mas igualmente ao nível da construção da própria narrativa. [...]”⁽²⁸⁾ (grifo nosso)

Portanto, quando apelam para a “tradição oral”,

28 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 69.

estão querendo amenizar as contradições existentes entre os Evangelhos.

a) **Luís Alonso Schökel** (1920-1998), tradutor da ***Bíblia do Peregrino***:

Mateus: A tradição antiga atribuiu este evangelho a Mateus apóstolo; **tal atribuição considera-se hoje bastante duvidosa. A notícia de Papias**, recolhida por Eusébio, segundo a qual Mateus compilou oráculos em hebraico (ou aramaico), **não merece crédito. O autor deste evangelho deve ter sido um judeu helenista, que cita o AT, os LXX.** Data provável: a década de 80-90. Lugar provável: alguma cidade da Síria, p. ex. Antioquia. ⁽²⁹⁾ (grifo nosso)

Marcos: Desde sempre, este evangelho se chamou “segundo Marcos”. Uma velha tradição ou lenda, transmitida de segunda mão, faz do autor um discípulo de Pedro, de quem teria recolhido a informação sobre Jesus. Outros tentaram identificar o autor com a personagem de nome Marcos, que figura nos Atos (12,12; 13,5.13) e envia saudações em Cl 4,10 e 1Pd 5,13, mas, **sendo Marcos um nome corrente na época, a identificação é incerta.** ⁽³⁰⁾ (grifo nosso)

29 *Bíblia do Peregrino*, p. 2318.

30 *Bíblia do Peregrino*, p. 2393.

Lucas: A tradição intitulou este evangelho “segundo Lucas”. O nome aparece em Fm 24 e 2Tm 4,11, como em Cl 4,14. A identificação com Lúcio (Loukios) de At 13,1 e Rm 16,21 é pouco provável. O autor tem notícia da destruição de Jerusalém, mas não da perseguição de Domiciano; parece viver a tensão crescente e a rejeição próxima por parte da sinagoga. Esses dados seguem como data de composição a década 80-90. ⁽³¹⁾ (grifo nosso)

João: Uma tradição antiga identificou o autor como o apóstolo João, o “discípulo espiritual”. Hoje é muito difícil manter essa opinião. A maioria dos comentaristas considera esse Evangelho como obra de um discípulo de João, uma geração mais tarde. Por sua familiaridade com o AT e o sabor semítico do seu estilo, deve ter sido judeu. Várias notícias do relato parecem referir-se à expulsão dos cristãos da sinagoga (ver 9,22; 12,42 e 16,2). Propõe-se como data provável de composição a última década do século, e Éfeso como lugar razoável. ⁽³²⁾ (grifo nosso)

b) **Frei Mateus Hoepers** (1898-1983), tradutor do Novo Testamento da ***Bíblia Sagrada Vozes***:

Mateus: Desde o II século a tradição atribui o

31 *Bíblia do Peregrino*, p. 2449.

32 *Bíblia do Peregrino*, p. 2544.

primeiro evangelho a Mateus, o cobrador de impostos chamado a seguir Jesus (Mt 9,9-17). Tal tradição repousa no testemunho de Papias (ca. 135 d.C.), segundo o qual “Mateus ordenou os ditos (logia) em dialeto hebraico e cada um os traduzia conforme era capaz”. **O atual evangelho de Mt, cujo original foi escrito em grego**, seria portanto uma tradução livre do original aramaico. Mas a crítica não aceita uma identificação substancial entre o Mt aramaico e o Mt grego. **Consequentemente o evangelho de Mt não pode ser obra de um discípulo direto de Jesus (de Levi = Mateus)**. A tônica didática não-biográfica e impessoal de Mt, sua teologia pós-apostólica e sua dependência de Mc, são incompreensíveis numa testemunha ocular. ⁽³³⁾ (grifo nosso)

Marcos: Como os outros evangelhos, também o segundo evangelho foi no início publicado anonimamente. Baseada no testemunho de Pápias (135 d.C.), **a tradição é unânime em atribuí-lo a um certo Marcos**. Este Marcos provavelmente era um judeu-cristão que gozava de muita autoridade na comunidade; alguém que emigrou da Palestina para Roma, passando para a missão gentio-cristã (cf. 7,1-8,9; 13,10; 14,9). Em geral é identificado com João Marcos em cuja casa Pedro se refugiou (At 12,12). [...].

Papias apresenta Marcos como “intérprete”

de Pedro, o que não se deve entender como tradutor, mas como expositor da pregação do apóstolo. **O exame interno do evangelho mostra, porém, que Mc depende de tradições múltiplas e não apenas de uma possível tradição petrina.**

Mc escreve o evangelho para cristãos ainda ligados a uma origem palestinese, mas comprometidos com a missão entre os pagãos e com a Igreja formada de judeus e gentios. Segundo a tradição, Mc compôs o evangelho em Roma. Mas alguns críticos acham que o evangelho poderia ter sido escrito em qualquer parte do império romano, sobretudo no Oriente. A opinião mais comum situa a composição de Mc entre 65 e 70 d.C. Não há argumentos decisivos para datá-lo após 70. ⁽³⁴⁾ (grifo nosso)

João: Desde o testemunho de Ireneu de Lião (180 d.C.) a tradição da Igreja antiga atribuiu a autoria do 4º evangelho ao apóstolo João, filho de Zebedeu. **O exame interno do evangelho, porém, não permite concluir que o apóstolo tenha redigido o texto atual.** Devemos admitir, contudo, que a figura de João esteja intimamente ligada à origem e ao desenvolvimento dessa obra. [...]. ⁽³⁵⁾ (grifo nosso)

c) **Joaquim de Arruda Zamith**, tradutor do

34 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 1212-1213.

35 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 1271.

Evangelho de João na *Bíblia de Jerusalém*:

João: Qual é o autor do quarto evangelho? Ou, antes, quais são os autores, uma vez que esse evangelho provavelmente se formou em etapas sucessivas? É difícil responder. **O nome daquele que fez a última redação nos é desconhecido.** É possível, todavia, determinar sua personalidade: era judeu-cristão que se esforçou para rejudáizar o evangelho por meio de retoques de amplitude menor. [...]

Mesmo abstraindo dos retoques feitos pelo último redator, pode-se manter um laço estreito entre o quarto evangelho e o apóstolo João? O autor mais antigo que afirma explicitamente isso é santo Ireneu de Lião; “Em seguida, João, o discípulo do Senhor, o mesmo que repousou sobre seu peito, publicou também um evangelho durante sua estada em Éfeso. Numerosos autores eclesiásticos antigos admitiram isso sem dificuldade. [...] **Tal identificação, porém, apresenta dificuldades.** Até entre os católicos, autores como Raymond Brown e R. Schnackenburg, depois de a terem admitido, terminaram por abandoná-la. Certamente não o fizeram sem razões sérias. **Seria verossímil que, ao escrever seu evangelho, João apóstolo omitisse o relato de certas cenas as quais havia assistido,** cenas tão importantes como a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37), a transfiguração (Mc 9,2), a instituição da eucaristia (Mc 13,17s), a agonia de Jesus no Getsêmani (Mc 14,33)? Também foi objetado o

fato de que, segundo certos testemunhos aos quais aludem muitos textos litúrgicos, **João apóstolo teria morrido mártir em data relativamente antiga, e que, portanto, não teria podido escrever o evangelho que leva seu nome. [...].** ⁽³⁶⁾ (grifo nosso)

d) **Missionários Capuchinhos de Portugal**, elaboradores da ***Bíblia Sagrada Santuário***:

Mateus: Entretanto, a opinião mais corrente pensa que Mateus não escreveu este livro tal qual o leitor o tem diante de si. Mateus teria escrito em aramaico (a língua de Jesus) uma coleção de sentenças proferidas pelo Senhor. **Essa obra primitiva teria sido largamente ampliada e transferida para o grego – única língua em que possuímos o texto original de Mateus. Tal refundição, efetuada por um ou mais cristãos**, talvez da classe dirigente, é o atual Evangelho Segundo Mateus. [...]. ⁽³⁷⁾ (grifo nosso)

Geralmente o tradutor quer se manter alinhado com o pensamento teológico da Igreja da qual faz parte; por isso, o testemunho deles, especialmente quando é contrário a algum ponto doutrinário, torna-se importante para o conjunto de provas de que os nomes dos títulos

36 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1839.

37 *Bíblia Sagrada Santuário*, p. 1434.

não são os dos autores dos evangelhos.

2) Estudiosos e exegetas

Vamos trazer alguns estudiosos e exegetas para vermos o que pensam a respeito dos autores e de outros importantes pontos dos evangelhos.

a) **Léon Denis** (1846-1927):

A. Sabatier, diretor da seção dos Estudos superiores, na Sorbona, “Os Evangelhos Canônicos”, pág. 5. **A Igreja sentiu a dificuldade em encontrar novamente os verdadeiros autores dos Evangelhos. Daí a fórmula por ela adotada: Evangelho segundo... (38)** (grifo nosso)

Caso haja dúvida sobre o que Denis aqui informa, por ter sido ele um escritor espírita, sugerimos uma consulta direta na obra por ele mencionada.

b) **Pepe Rodríguez**:

A primeira coisa que salta à vista, quando nos abeiramos do Novo Testamento, é o facto de os textos que o compõem serem tão tardios. Só começaram a ser escritos num período

38 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 26.

compreendido entre o último quartel do século I d.C. e o primeiro quartel do século II d. C., à excepção das epístolas de Paulo, escritas entre 51 e 67 d.C. Mas **o que parece ainda mais incompreensível e absurdo é que quem tinha muito para testemunhar nada escreveu, ou quase nada, enquanto os que nada tinham para testemunhar acabaram sendo os redactores da maior parte dos textos do cânone neotestamentário.** É tão ilógico como se uma dezena de historiadores ou de jornalistas (que, propagandistas como eles, eram os apóstolos ou enviados), presente no momento em que se estava a dar o maior prodígio da história humana, tivessem ficado totalmente calados e o ocorrido não tivesse de qualquer modo ficado documentado e só tivesse sido dado a conhecer quarenta anos depois, e, ainda e apenas, através de escritores desvalorizados de um par de ajudantes de duas dessas supostas testemunhas privilegiadas. Senão vejamos:

O Evangelho de Marcos é o documento mais antigo de que dispomos sobre a vida de Jesus. Ora, **Marcos não foi discípulo de Jesus, nem o conheceu pessoalmente.** O que sabe sobre ele foi o que, depois da crucificação, ouviu a Pedro nas prédicas públicas. O Evangelho de Lucas e os Actos, do mesmo autor, são documentos fundamentais para conhecer a origem e o desenvolvimento da Igreja primitiva. Ora, **Lucas não foi apóstolo. Também ele escreveu de ouvir dizer.** Compôs os seus textos a partir de passagens que plagia de

documentos anteriores e de diversas proveniências. E, por outro lado, do que havia escutado de Paulo, que não só não fora discípulo de Jesus, como até 37 d.C. – um ano depois da crucificação de Jesus – se revelara um perseguidor fanático e tenaz do cristianismo nascente.

Mateus, pelo contrário, foi apóstolo. Porém, uma parte do seu Evangelho foi escrita a partir de documentos anteriores redigidos por um outro Marcos que, esse, não fora apóstolo. Resta João Zebedeu que foi, também ele, apóstolo. Acontece, contudo, que **o Evangelho de João e o Apocalipse não são obra sua, mas de um outro João. Foram escritos por um tal João, o Ancião, um grego cristão** que se baseou não só em textos hebreus e essênios, como nas recordações que conseguiu obter de João, o *Sacerdote*, identificado como “o discípulo amado” de Jesus (mas que não é João Zebedeu), um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada. [...]. ⁽³⁹⁾ (grifo nosso)

[...] Porém, como mostrámos no seu devido momento, **o texto do Evangelho de João, escrito pelo grego João, o Ancião, em princípios do século II,** revela um Jesus absolutamente deformado, que fala com uma

39 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 65-66.

prepotência descarada, contrariamente à humildade que o caracteriza nos relatos dos três sinópticos. [...].⁽⁴⁰⁾ (grifo nosso)

c) **Bart D. Ehrman:**

Embora evidentemente não seja o tipo de coisa que os pastores costumem contar às suas congregações, há mais de um século existe um forte consenso de que **muitos dos livros do Novo Testamento não foram escritos pelas pessoas cujos nomes estão ligados a eles.** [...].

[...].

Por que surgiu a tradição de que esses livros foram escritos por apóstolos e por companheiros dos apóstolos? **Em parte de modo a garantir aos leitores que eles foram escritos por testemunhas oculares e companheiros das testemunhas oculares.** Uma testemunha ocular merece a confiança de que iria contar a verdade sobre o que realmente aconteceu na vida de Jesus. Mas a realidade é que não é possível confiar em que as testemunhas ofereçam relatos historicamente precisos. Elas nunca mereceram confiança e ainda não merecem. Se testemunhas oculares sempre fizessem relatos historicamente precisos, não teríamos a necessidade de

40 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 178.

tribunais. Quando precisássemos descobrir o que realmente aconteceu quando um crime foi cometido, bastaria perguntar a alguém. Casos reais demandam muitas testemunhas, porque seus depoimentos diferem entre si. Se duas testemunhas em um tribunal divergissem tanto quanto Mateus e João, imagine como seria difícil chegar a um veredicto.

A verdade é que todos os Evangelhos foram escritos anonimamente, e nenhum dos autores alega ser uma testemunha. Há nomes ligados aos títulos dos Evangelhos (“o Evangelho segundo Mateus”), mas esses títulos são acréscimos posteriores aos próprios livros, conferidos por editores e escribas para informar aos leitores quem os editores achavam que eram as autoridades por trás das diferentes versões. Que os títulos não são originalmente dos Evangelhos é algo que fica claro com uma simples reflexão. Quem escreveu Mateus não o chamou de “Evangelho segundo Mateus”. As pessoas que deram esse título a ele estão dizendo a você quem, na opinião delas, o escreveu. Autores nunca dão a seus livros o título de “segundo fulano”.⁽⁴¹⁾ ⁽⁴²⁾ (grifo nosso)

41 Nota da transcrição: Alguns críticos de um dos meus livros anteriores, sobre o problema do sofrimento, sugeriram deturpadamente que o título “O problema com Deus” na verdade deveria ser “O problema com Deus segundo Bart Ehrman” -, mas obviamente não é como eu mesmo chamaria o livro!

42 EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?*, p. 118-120.

Ao longo de mais de cem anos, os estudiosos notaram que, na verdade, esse é o caso. **Os autores de alguns dos livros do Novo Testamento não eram quem alegavam ser ou quem se imaginou que seriam. Em alguns casos, isso se deu porque um escrito anônimo, no qual um autor não indicava quem era, foi posteriormente atribuído a alguém que, na verdade, não o escreveu.** Mateus provavelmente não escreveu Mateus, por exemplo, nem João, João (ver capítulo 7); por outro lado, nenhum livro de fato alega ter sido escrito por uma pessoa chamada Mateus ou João. Em outros casos, **isso aconteceu porque o autor mentiu sobre sua identidade, alegando ser alguém que não era.** Como já insinuei, alguns estudiosos há muito relutam, e mesmo se recusam a chamar essa atividade autoral de mentira e os produtos literários resultantes de falsificações. [...]. ⁽⁴³⁾ (grifo nosso)

[...] **os Evangelhos não foram escritos pelos autores cujos nomes aparecem nas obras** (Mateus, Marcos, Luas e João), mas **por pessoas que não foram seguidores diretos de Jesus** e viveram de quarenta a sessenta anos depois dele em locais diferentes do mundo; [...]. ⁽⁴⁴⁾ (grifo nosso)

43 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?*, p. 19.

44 EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 179.

d) **Karen Armstrong:**

Não sabemos quem escreveu os evangelhos. Quando apareceram, eles circularam anonimamente, e **só mais tarde foram atribuídos a figuras importantes da Igreja primitiva.** ⁽⁴⁵⁾ Os autores eram cristãos judeus, ⁽⁴⁶⁾ que escreviam em grego e viviam nas cidades helenísticas do Império Romano. **Eram não somente escritores criativos – cada um com suas tendências particulares –, mas também redatores competentes, que editaram materiais anteriores.** Marcos escreveu por volta de 70; Mateus e Lucas no final dos anos 80, e João no final dos anos 90. Os quatro evangelhos refletem o terror e a ansiedade desse período traumático. [...]. ⁽⁴⁷⁾ (grifo nosso)

e) **Juan Arias:**

O último dos evangelhos, escrito por volta dos anos 90 d.C., é o de João, falsamente atribuído ao chamado “discípulo amado”, o único dos 12 do qual não se sabe se foi casado. Modernamente, no entanto, alguns autores, entre eles César Vidal, inclinam-se a aceitar a

45 Nota da transcrição: Fredricksen, *Jesus*, p. 19.

46 Nota da transcrição: Há uma crença muito difundida de que Lucas era gentio, mas não há prova incontestável disso.

47 ARMSTRONG, *A Bíblia: uma biografia*, p. 71.

tese de que teria sido realmente escrito pelo apóstolo João. Para tanto, consideram a evidência de o evangelista aparecer como testemunha ocular de alguns fatos e que sua língua é o aramaico, embora escrevesse corretamente em grego.

César Vidal afirma que, mesmo que não fosse o apóstolo João, deveria tratar-se de algum discípulo muito próximo de Jesus. **Seja como for, não se sabe ao certo quem é o autor desse evangelho**, que é o mais diferente dos outros. Pode ter sido escrito pelo mesmo autor do Apocalipse. [...]. ⁽⁴⁸⁾ (grifo nosso)

f) **Paul Johnson:**

[...] o estudo dos textos escriturais, aplicando os novos métodos de análise histórica e com auxílio da filologia e da arqueologia, revelaram **as Escrituras** como uma coletânea de documentos muito mais complexa do que se havia imaginado até então – **um assombroso composto de alegorias e fatos, a ser peneirado como qualquer outra peça de literatura antiga.** ⁽⁴⁹⁾ (grifo nosso)

g) **Geza Vermes:**

48 ARIAS, *Jesus esse grande desconhecido*, p. 47.

49 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 456.

[...] a opinião de que o assim chamado **Evangelho de João é algo especial, e que reflete**, não a autêntica mensagem de Jesus ou sequer o pensamento dos seus seguidores imediatos sobre ele, mas **uma teologia altamente evoluída de um escritor cristão que viveu três gerações depois de Jesus e completou o seu Evangelho nos primeiros anos do segundo século d.C.** Para o crente médio, o último Evangelho é naturalmente o melhor e o mais confiável dos quatro. [...]. ⁽⁵⁰⁾ (grifo nosso)

[...] A segunda linha de defesa teve bom êxito e sobrevive até hoje. Ela apresenta João como o biógrafo supremo de Jesus, autor do Evangelho espiritual. Familiarizado com a obra dos seus predecessores, diz-se que ele evitou deliberadamente repetir a maioria das suas histórias, exceto o relato da Paixão, que se limitou a suplementar e enriquecer os seus registros com discursos inteiros atribuídos a Jesus, e em geral a desenvolver doutrinariamente e aperfeiçoar as suas narrativas.

Nenhuma leitura crítica dos quatro Evangelhos justifica tal compreensão de João. Pois é óbvio para qualquer leitor imparcial, sem viés religioso, que, se o Quarto Evangelho está certo, seus precursores têm de estar errados, ou vice-versa. **Os Sinóticos e João não podem**

50 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 15-16.

estar simultaneamente corretos, pois o primeiro atribui a Jesus uma carreira pública que dura um ano, ao passo que João a estende em dois ou três anos, mencionando duas ou possivelmente três celebrações da Páscoa consecutivas durante o ministério de Jesus na Galileia e na Judeia. Do mesmo modo, se for exata a datação de João da crucificação na *véspera* da Páscoa, isto é, em 14 Nisan, os Sinópticos, que descrevem a Última Ceia como um jantar de Páscoa e situam os acontecimentos que conduzem à execução em 15 Nisan, têm de estar errados. Ou para hebraizar e adaptar apropriadamente o provérbio inglês à situação da Páscoa judaica, não é possível guardar o pão ázimo e comê-lo! ⁽⁵¹⁾ (grifo nosso)

A mesma opinião majoritária considera a identidade do autor indeterminável. Exceto pelo **título: “segundo João”,** que é ambíguo – que João? – e que **somente mais tarde foi vinculado ao texto,** o próprio Evangelho, do Capítulo 1 ao Capítulo 20, não menciona nenhum autor. No Capítulo 21, anexado por alguém que não era o evangelista (cf. Versículo 24), há uma tentativa de identificá-lo com “o discípulo amado de Cristo”, que se supõe tacitamente ser o pescador galileu João, filho de Zebedeu. ⁽⁵²⁾ (grifo nosso)

51 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 18.

52 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 19.

h) Tom Harpur:

Nenhum dos Evangelhos chegou até nós trazendo os nomes de seus “autores” ou editores, e ninguém sabe ao certo quem foram seus “redatores” finais, [...]. (53) (grifo nosso)

O Evangelho de Marcos não faz segredo do fato de que **os primeiros discípulos era pescadores iletrados**. Às vezes, ele até os apresenta como pessoas meio estúpidas. **A ideia de que qualquer um deles tenha ajudado a criar e escrever um novo gênero literário, o Evangelho, não pode ser verdadeira. Nenhum Evangelho foi escrito por uma testemunha ocular.** S. Paulo, o mais antigo escritor do Novo Testamento, nunca se encontrou com Jesus histórico – só com o Cristo mítico.

Assim, ninguém sabe com certeza quem criou os Evangelhos, e em que data. É preciso lembrar que eles nunca foram “escritos” como se escreve um livro hoje em dia. São obras altamente “editoradas” que parecem ter sido compiladas a partir de coletâneas mais antigas de ensinamentos e, acredito, de mitos antigos e autos religiosos descritos nas

53 HARPUR, *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os evangelhos*, p. 25.

“Religiões de Mistério” ⁽⁵⁴⁾. [...]. ⁽⁵⁵⁾ (grifo nosso)

Os nomes Mateus, Marcos, Lucas e João não foram atribuídos originalmente aos Evangelhos canônicos, que só mais tarde passaram a ser chamados dessa maneira. **A verdade é que não sabemos com certeza quem escreveu os Evangelhos em sua forma atual.** ⁽⁵⁶⁾ (grifo nosso)

i) Mariano Fernández Urresti:

Por fim, espera-nos o **texto obscuro atribuído a um tal de João, de quem não se pode garantir que seja em absoluto o filho de Zebedeu e irmão de Tiago.** [...] **Os exegetas chegam a reconhecer que, ao estudar sua estrutura interna, pode-se pensar que ele foi redigido por várias mãos,** o que negaria a paternidade de João “o filho do trovão”, pelo menos em sua exclusividade. Além disso, o fato de **nesse Evangelho parece que Jesus fala para pessoas cultas,** enquanto nos outros parecia dirigir-se a pessoas simples, dificulta ainda mais a ideia de que **um pescador galileu**

54 Nota da transcrição: Ver Tom Harpur: *The Pagan Christ* (Toronto: Thomas Allen, 2004, capítulo 9. (*O Cristo dos Pagãos*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 2008).

55 HARPUR, *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os evangelhos*, p. 25-25.

56 HARPUR, *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os evangelhos*, p. 221.

seria capaz de dar forma a essas histórias.

(⁵⁷) (grifo nosso)

Essas opiniões não podem ser desprezadas, pois essa atitude seria o mesmo que querer tapar o Sol com a peneira.

Conclui-se, portanto, que os seus autores não foram aqueles cujos nomes constam dos seus títulos, não há como fugir a esse fato incontestável.

57 URRESTI, *A face oculta de Jesus: os mitos egípcios e Maria Madalena, sua origem essênica e o mistério de Rennes-le-Château*, p. 125.

Conclusão

Qualquer pessoa, que não esteja dominada pela fé cega e nem contaminada pelo vírus do sectarismo religioso, verá que as informações aqui levantadas são irrefutáveis. Elas apontam para o fato de que os autores dos Evangelhos são indivíduos totalmente desconhecidos, que, nem com muito esforço dogmático, poder-se-ia, portanto, dizer que foram inspirados, tantas as contradições, interpolações e adulterações que constam dos textos bíblicos.

E para confirmar essa nossa opinião, transcrevemos da historiadora e advogada Paloma Sánchez-Garnica, autora da obra **O Grande Arcano**, a seguinte fala:

Assim tudo começou. A partir de então, surgiu uma profusão de ideias e de linhas de pensamento: as lutas e enfrentamentos foram numerosos, até que venceu uma dessas correntes; aquela fundada por Paulo e mantida pela corrente grega foi a que triunfou e se impôs ao restante; estabeleceu seu poder definitivamente no concílio de Niceia de 325 e afastou, destruiu, perseguiu ou considerou como hereges todos os que não estivessem de acordo com ela. **Os textos originais dos Evangelhos**

foram alterados, porque era necessário adaptá-los à população a que eram dirigidos, uma população não judia, e sim romana, helenizada e com uma mentalidade distinta à dos judeus a quem Jesus havia se dirigido; sua verdadeira mensagem ficou em um segundo plano: valia tudo para aumentar o número de discípulos da nova religião.

A partir desse momento, ou se estava com a Igreja ou contra ela. Em poucos anos, os perseguidos passaram a ser perseguidores; e assim se passaram dois mil anos. ⁽⁵⁸⁾ (grifo nosso)

Trazemos, para exemplificar, três passagens do Novo Testamento que não constam de Manuscritos mais antigos.

a) **Marcos 16,9-12** (últimos doze versículos), confirmam: BARRERA ⁽⁵⁹⁾; CHAMPLIN ⁽⁶⁰⁾; EHRMAN ⁽⁶¹⁾; JOHNSON ⁽⁶²⁾ e VERMES ⁽⁶³⁾;

b) **João 8,1-11** (caso da mulher adúltera),

58 SÁNCHEZ-GARNICA, *O Grande Arcano*, p. 428.

59 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, p. 497.

60 CHAMPLIN, *O novo testamento interpretado versículo por versículo*, p. 800-801.

61 EHRMAN *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 76-77.

62 JOHNSON, *História do Cristianismo.*, p. 38.

63 VERMES, *O autêntico evangelho de Jesus*, p. 353.

afirmam: BARRERA ⁽⁶⁴⁾, EHRMAN ⁽⁶⁵⁾, JOHNSON ⁽⁶⁶⁾ e VERMES ⁽⁶⁷⁾;

c) **Mateus 28,18-20** (citando Pai, Filho e Espírito Santo), mencionam: FLUSSER ⁽⁶⁸⁾, RODRÍGUEZ ⁽⁶⁹⁾ e VERMES ⁽⁷⁰⁾;

Nesse último caso (item c), tudo nos leva a crer que o acréscimo teve como objetivo instituir e também justificar o dogma da Trindade, crença de origem pagã que ainda sobrevive na maioria das igrejas cristãs.

Portanto, a “verdade” que está na Bíblia, não representa outra coisa senão aquilo que os ditos “Pais da Igreja” quiseram que seus fiéis acreditassem que fosse, agiram sem nenhum compromisso com a verdade dos fatos.

A esses “Pais da Igreja”, mais que qualquer outra coisa, somente lhes interessavam o status de poder,

64 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, p. 497.

65 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 73-74.

66 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 38.

67 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 231.

68 FLUSSER, *O judaísmo e as origens do cristianismo*, p. 156.

69 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 210.

70 VERMES, *O autêntico evangelho de Jesus*, p. 377-378.

notoriedade e dinheiro que os cargos da hierarquia da sua Igreja os proporcionam.

Em ***Como Jesus se tornou Deus***, Ehrman, tece o seguinte argumento:

São esses os Evangelhos que temos hoje. Ao longo de trezentos anos ou mais, **especialistas têm estudado os textos nos mínimos detalhes, e um dos resultados** garantidos dessa investigação intensiva **é que os Evangelhos possuem numerosas discrepâncias, contradições e problemas históricos.** ⁽⁷¹⁾ ⁽⁷²⁾ (grifo nosso)

Para exemplificar, isso dito por Ehrman, traremos três passagens que narram o mesmo episódio de forma completamente diferente:

1ª) Jesus caminha sobre o mar

Mateus 14,22-32: *“Logo em seguida, forçou os discípulos a embarcar e aguardá-lo na outra margem, até que ele despedisse as multidões. Tendo-as despedido, subiu ao monte, a fim de orar a sós. Ao chegar a tarde, estava ali, sozinho. O*

71 N.T.: Discuto essas discrepâncias, contradições e problemas históricos com profundidade em *Jesus, Interrupted* (San Francisco: HarperOne, 2009).

72 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 127.

barco, porém, já estava a uma distância de muitos estádios da terra, agitado pelas ondas, pois o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, **ele dirigiu-se a eles, caminhando sobre o mar**. Os discípulos, porém, vendo que caminhava sobre o mar, ficaram atemorizados e diziam: ‘É um fantasma!’ E gritaram de medo. Mas Jesus lhes disse logo: ‘Tende confiança, sou eu, não tendes medo’. Pedro, interpelando-o, disse: ‘Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas’. E Jesus respondeu: ‘Vem’. Descendo do barco, Pedro caminhou sobre as águas e foi ao encontro de Jesus. Mas, sentindo o vento, ficou com medo e, começando a afundar, gritou: ‘Senhor, salva-me!’ Jesus estendeu a mão prontamente e o segurou, repreendendo-o: ‘Homem fraco na fé, por que duvidaste?’ **Assim que subiram ao barco, o vento amainou.**” (grifo e sublinhado nosso)

Marcos 6,45-51: “Logo em seguida, forçou seus discípulos a embarcarem e seguirem antes dEle para Betsaida, enquanto Ele despedia a multidão. E, deixando-os, Ele foi à montanha para orar. Ao cair da tarde, o barco estava no meio do mar e Ele sozinho em terra. Vendo que se fatigavam a remar, pois o vento lhes era contrário, **pela quarta**

vigília da noite dirigiu-se a eles, caminhando sobre o mar. *E queria passar adiante deles. Vendo-o caminhar sobre o mar, julgaram que fosse um fantasma e começaram a gritar, pois todos o viram e ficaram apavorados. Ele, porém, logo falou com eles, dizendo: ‘Tende confiança. Sou Eu. Não tendes medo’.* **E subiu para junto deles no barco. E o vento amainou. [...].”** (grifo nosso)

Lucas: não fala absolutamente nada

João 6,16-21: *“Ao entardecer, seus discípulos desceram ao mar e, subindo num barco, dirigiram-se a Cafarnaum, do outro lado do mar. Já estava escuro e Jesus ainda não viera encontrá-los. Além disso, soprava um vento forte e o mar ia se encrespando. Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, quando **viram Jesus aproximar-se do barco, caminhando sobre o mar.** Ficaram com medo. Jesus, porém, lhes disse: ‘Sou eu. Não temais’. **Quiseram, então, recolhê-lo no barco, mas ele imediatamente chegou à terra para onde iam.**”*

Em Lucas a narrativa de Jesus caminhando sobre as águas é sequer mencionada, o que é bem estranho considerando um fato fantástico como esse.

Por que motivo somente Mateus relata o diálogo de Jesus com Pedro e seu fracasso ao tentar caminhar sobre as águas? Também esse é um fenômeno extraordinário que não há razão para não o mencionar, caso tivesse mesmo ocorrido.

Ademais, cabe-nos questionar: Jesus subiu no barco, como afirmam Mateus e Marcos, ou não como relatado por João?

2ª) Jesus é escarneado e injuriado na cruz

Mateus 27,39-45: *“Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: ‘Tu que destróis o Templo e em três dias o edificais, salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!’ Do mesmo modo, também os chefes dos sacerdotes, juntamente com os escribas e anciãos, caçoavam dele: ‘A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! Rei de Israel que és, que desça agora da cruz e creemos nele! Confiou em Deus: pois que o livre agora, se é que se interessa por ele! Já que ele disse: Eu sou filho de Deus’.* **E até os ladrões, que foram crucificados junto com ele, o insultavam.**” (grifo nosso)

Marcos 15,29-32: *“Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: ‘Ah! Tu, que*

*destróis o Templo e em três dias o edificais, salva-Te a Ti mesmo, desce da cruz!’ Do mesmo modo, também os chefes dos sacerdotes, caçoando dEle entre si e com os escribas, diziam: ‘A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! O Messias, o Rei de Israel ... que desça agora da cruz, para que vejamos e creiamos!’ **E até os que haviam sido crucificados com Ele o ultrajavam.**” (grifo nosso)*

Lucas 23,35-43: “O povo permanecia lá, a olhar. Os chefes, porém, zombavam e diziam: ‘A outros salvou, que salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito!’ Os soldados também caçoavam dele; aproximando-se, traziam-lhe vinagre, e diziam: ‘Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo’. E havia uma inscrição acima dele: ‘Este é o Rei dos judeus’. **Um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava**, dizendo: ‘Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós’. Mas o outro, tomando a palavra, o repreendia: ‘Nem sequer temes a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal’. E acrescentou: ‘Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino’. **Ele respondeu:**

‘Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso’.” (grifo nosso)

João 19,16-22: *“Então Pilatos o entregou para ser crucificado. Então eles tomaram a Jesus. E ele saiu, carregando a sua cruz, e chegou ao chamado ‘Lugar da Caveira’ – em hebraico chamado Gólgota – onde o crucificaram; e, com ele, dois outros: um de cada lado e Jesus no meio. Pilatos redigiu também um letreiro e o fez colocar sobre a cruz; nele estava escrito: ‘Jesus Nazareu, o rei dos judeus’. Esse letreiro, muitos judeus o leram, porque o lugar onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. Disseram então a Pilatos os chefes dos sacerdotes dos judeus: ‘Não escrevas: ‘O rei dos judeus’, mas: ‘Este homem disse: Eu sou o rei dos judeus’”. Pilatos respondeu: ‘O que escrevi, escrevi’.*” (grifo nosso)

Os dois ladrões ou malfeitores escarneciam de Jesus, conforme diz Mateus e Marcos, ou somente um deles, na versão de Lucas, ou, por fim, nenhum deles como João dá a entender?

No Evangelho Segundo Mateus, lemos:

Mateus 2,22: *“E foi habitar numa cidade chamada*

*Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas: **Ele será chamado Nazareno.***" (grifo nosso)

Quem for capaz de apontar pelo menos um profeta que tenha dito "Ele será chamado Nazareno", ganha uma caixa de bombom da melhor marca existente no mercado brasileiro.

Lembrando-nos do tempo em que cursávamos o ensino primário, propomos a você, caro leitor, fazer um "dever de casa", coisa bem simples, que não lhe tomará muito tempo: leia em Mateus o capítulo 27, saltando o trecho dos versículos 3 a 10, depois releia-o incluindo esses versetos não lidos.

Feito isso, gostaríamos que nos fosse explicado o teor desses oito versículos considerando que, no capítulo em questão, a condenação de Jesus só ocorrerá no versículo 26.

Aproveitando, lhe pedimos que nos explique qual foi a forma do suicídio de Judas: enforcou-se como é mencionado em Mateus (27,5) ou precipitou-se em algum despenhadeiro rompendo-se ao meio, conforme narrado pelo autor de Atos dos Apóstolos (1,18), que os estudiosos têm como sendo o mesmo do Evangelho Segundo Lucas.

Podemos acrescentar, apenas por curiosidade, duas situações interessantes levantadas por Geza Vermes, em

As várias faces de Jesus:

[...] Os habitantes do lugar chamado alternativamente de Gergesa, Gerasa ou Gadara rogaram-lhe polidamente que se afastasse do seu território. Sem dúvida, estavam ressentidos com a perda dos seus suínos, os quais, como ratos, arrojaram-se no lago e morreram, depois que – conforme as pessoas pensaram – Jesus permitiu que demônios exorcizados entrassem no rebanho local de porcos (Mc 5:11-17; cf. Mt 8:30-34; Lc 8:32-7). O local mais provável desse episódio é Gergesa, perto da margem oriental do lago. Variantes dos Manuscritos identificam a cidade como Gadara (Jerash). **Mas se os suínos tivessem partido de qualquer um desses lugares, teriam tido de voar em vez de saltarem, se fosse para desembarcarem no Mar da Galileia.** [...]. ⁽⁷³⁾ (grifo nosso)

[...] A única ocasião em que se relata estar ele **[Jesus] envolvido em escrever** é na **história da mulher surpreendida em adultério** (Jo 8:8), **uma passagem definitivamente não-autêntica do Novo Testamento**, já que não aparece nos manuscritos gregos mais

importantes. [...]. ⁽⁷⁴⁾ (grifo nosso)

Acreditamos que esses dois pontos, para qualquer pessoa que usa o bom senso e a lógica, já são o suficiente para derrubar a tão propalada tese da “inerrância” da Bíblia. Por esse motivo, não acrescentaremos nada mais; porém, recomendamos os nossos textos: **Falhas da Bíblia “inerrante”** ⁽⁷⁵⁾ e **Toda escritura é mesmo inspirada?** ⁽⁷⁶⁾, com os quais isso ficará sobejamente comprovado.

Para se ter uma visão geral do que consta nos Evangelhos, apresentamos o que cerca de duas centenas de especialistas, entre exegetas e teólogos de inquestionável saber, reunidos no ***The Jesus Seminar*** (Seminário de Jesus), concluíram sobre as narrativas constantes deles:

[...] Os pesquisadores do SJ chegaram a **concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16%**

74 VERMES, *As várias faces de Jesus*, p. 231.

75 Link: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/5-assuntos-bblicos/80-falhas-da-bblia-inerrante-v3>

76 Link: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/184-toda-escritura-mesmo-inspirada-ebook>

(dezesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos podem ser, de fato, consideradas autênticas, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1) ⁽⁷⁷⁾ (grifo nosso)

Ficam aí essas informações para serem analisadas por aqueles que, usando do questionamento, procuram fazer seu nível de conhecimento crescer cada vez mais, pois sabe que é esse o caminho para encontrar a verdade.

Finalizando, traremos uma conclusão de Ehrman, constante de **Quem escreveu a Bíblia?**:

[...] Houve muitas falsificações literárias nos primórdios do cristianismo; algumas podem ser encontradas no Novo Testamento. Elas **são falsificações, livros cujos autores alegam ser personagens de autoridades bem conhecidas, embora sejam outra pessoa**. Alguns estudiosos hoje evitam o termo “falsificação” e chamam esses escritos de pseudônimos ou pseudoepigráficos; tecnicamente, esses termos estão corretos, mas são imprecisos. Escritos pseudônimos incluem

77 SOUZA, *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*, p. 67.

escritos produzidos por um nome de fantasia, e nenhum dos escritos que analisamos ⁽⁷⁸⁾ se encaixa nessa categoria. Escritos pseudoepigráficos incluem escritos originalmente anônimos que mais tarde foram erroneamente atribuídos a figuras conhecidas. Os livros de que estamos falando aqui são de autores que mentiram sobre sua identidade para levar seus leitores a pensar que eram alguém que não eram. **O termo técnico para esse tipo de atividade é falsificação.** ⁽⁷⁹⁾

Embora aqui Ehrman não esteja, especificamente, se referindo aos Evangelhos, entendemos que se pode estender a eles tomando como base todas informações que levantamos no presente estudo, inclusive as do próprio Ehrman.

78 O autor está se referindo aos quatro primeiros capítulos de sua obra, nos quais cita: as 13 epístolas de Paulo, Constituições Apostólicas, Apocalipse, epístola de Judas, epístolas de Pedro e Apocalipse de Pedro.

79 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia?*, p. 142.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica – TEB, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida, SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- Novo Testamento, s/d, São Paulo: Loyola, 1982.
- ARIAS, J. *Jesus esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro:

Objetiva, 2001.

ARMSTRONG, K. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BARRERA, J. T. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHAMPLIN, R. N. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2005.

DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

EHRMAN, B. D. *Como Jesus se tornou Deus*. São Paulo: LeYa, 2014.

EHRMAN, B. D. *Jesus existiu ou não?* Rio de Janeiro: Agir 2014.

EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.

EHRMAN, B. D. *Quem Escreveu a Bíblia?: Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

EHRMAN, B. D. *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

EHRMAN, B. D. *Quem escreveu a Bíblia? Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

FLUSSER, D. *O judaísmo e as origens do cristianismo*. vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

HARPUR, T. *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.

JOHNSON, P. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LOURENÇO, F. *Bíblia, Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RIZZINI, J. J. *Herculano Pires - o apóstolo de Kardec*.

São Paulo: Paideia. 2001.

RODRÍGUEZ, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.

SÁNCHEZ-GARNICA, P. *O grande Arcano*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUZA, J. P. *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

TRICCA, M. H. O. *Apócrifos: os proscritos da Bíblia*. Vol. I. São Paulo: Mercury, 1995.

URRESTI, M. F. *A face oculta de Jesus: os mitos egípcios e Maria Madalena, sua origem essênica e o mistério de Rennes-le-Château*. São Paulo: Madras, 2014.

UR-RAHIM, M. *Jesus, um profeta do Islão*. Lisboa, Portugal: Editorial Al Furqán, 1995.

VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

VERMES, G. *O autêntico Evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006b.

<http://www.estudosdabiblia.net/bd75.htm>, acesso em 05/08/2012, às 18:38hs.

Capa:

https://en.wikipedia.org/wiki/Four_Evangelists#/media/File:Four_Evangelists_Jordaens_Louvre_Inv1404.jpg. Acesso em: 23 set. 2018.



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87. Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns

outros sites Espíritas na Web, entre eles:

- **O Portal do Espírito:**

<http://www.portalespirito.com/paulosns/paulosns.htm>

- **Geec:**

<http://www.geec.org.br/portal/index.php/articulistas/paulo-neto-estudos-espíritas-e-bíblicos>

- **Era do Espírito:**

http://www.aeradoespirito.net/ArtigosPN/INDICE_ArtigosPN.html

Autor dos livros: a) impressos: 1) A Bíblia à Moda da Casa, 2) Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana? 3) Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas, 4) Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica, 5) As Colônias Espirituais e a Codificação e 6) Kardec & Chico: dois missionários; b) Ebook: 1) Racismo em Kardec?, 2) A Reencarnação tá na Bíblia, 3) Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem), 4) Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso, e 5) Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Tel.: (31) 3296-8716